



Uma viagem ao mundo dos
brinquedos

FIROL
— SANTANDER —
SÃO PAULO

Ministério da Cultura e Santander apresentam

Uma viagem ao mundo dos
brinquedos

Curadoria

Gandhy Piorski



De 28 de novembro a 01 de março de 2026



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais

Patrocínio



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



texto institucional



Uma viagem ao mundo dos brinquedos propõe um mergulho sensível e afetivo pelas infâncias brasileiras entre as décadas de 1940 e 1980, período em que os brinquedos refletiam, em forma, cor e função, as transformações culturais, sociais e tecnológicas do país.

Ao longo das salas expositivas, o visitante é convidado a explorar a história do brincar: dos brinquedos artesanais e das primeiras produções industriais aos objetos que marcaram presença nos quintais, nas ruas e nas salas das casas brasileiras. Bonecas, jogos, carrinhos, figurinhas, autoramas, robôs e microscópios revelam não apenas a evolução dos materiais, mas também as histórias e os imaginários que moldaram gerações.

Mais do que objetos lúdicos, os brinquedos apresentados são símbolos de memória e afeto, fragmentos de um tempo em que a infância era vivida com liberdade, criatividade e convivência. Reencontrá-los é também revisitá pedaços da nossa própria história.

Com esta exposição, o Farol Santander reafirma seu compromisso com a preservação das expressões culturais brasileiras, valorizando o brincar como linguagem, a memória como patrimônio, e o afeto como ponte entre gerações.

Boa viagem!

Bibiana Berg

Head Sênior de Experiências, Cultura e Impacto Social
e Presidente do Santander Cultural

 **Santander**



sumário

Texto curatorial	05
Sobre o acervo	07
Anos 40 a 60	09
Brinquedos e técnica	12
Anos 70 a 80	14
English version	17
Ficha técnica	23



A criança faz do brinquedo um terreno para plantar sonhos, cultivar a imaginação. Brincar é uma lavoura imaginária, onde a criança planta as sementes de si. Ela o faz para permitir crescer as próprias raízes, fortalecer seu caule, deixar abrolhar suas flores. O brinquedo, quando brincado pela criança, é, antes de tudo, uma lavra em que o humano se cria, se expande, sonha sem limites sobre si mesmo.

No entanto, por outra via, o brinquedo faz da criança uma terra para plantar cultura. O objeto desenhado pelo criador, pensado para certas idades, cultiva nas infâncias ensaios do viver na sociedade. Desperta anseios, aprimora hábitos, faz assimilar ideários, absorver tendências e necessidades. Os brinquedos da indústria são os hábitos sociais, são sínteses, miniaturas do real, ideias civilizatórias. Ícones que direcionam, em certa medida, os sonhos. O brinquedo, essa força cultural, se enlaça à criança, essa força ancestral.

O acervo aqui apresentado, pertencente à Ana Caldatto, colecionadora e pesquisadora de brinquedos, é um recorte das décadas de 1940 até 1980 de alguns dos principais brinquedos produzidos na indústria brasileira. Escolhemos ícones que marcaram gerações de crianças e que ainda hoje despertam sentimentos das infâncias dessas épocas. Memórias afetivas são estimuladas ao se reencontrar tais brinquedos. Lembranças de um Brasil de outrora e seus costumes moram ainda hoje nesses objetos.

Convidamos você a fruir em suas memórias mais íntimas e, com isso, reconhecer a importância do brincar, da conexão, do cuidado e da generosidade com a infância de seus filhos e netos. Desejamos que reencontre seu brinquedo e, com ele, sua força invencível de criança.

Gandhy Piorski
Curador



A canoa
virou,
deixaram
ela virar...



vem chegando
algodão docé!





Há mais de 40 anos tenho paixão por colecionar. Comecei aos 10, com selos, papéis de carta e álbuns de figurinha.

Eu me sinto uma colecionadora de emoções.

Os brinquedos proporcionam essa emoção. Por meio da memória do brincar, somos transportados para uma viagem nostálgica.

Cada item tem sua bagagem histórica. Cada brinquedo do acervo tem a marca do brincar...

Aquele carrinho com a rodinha gasta de tantas aventuras pelas estradas imaginárias. A boneca que fez parte da melhor companhia da criança. Aquele jogo que uniu amigos de infância na calçada, no quintal ou na sala naquele dia de chuva e frio.

Tive uma infância rural com muitas crianças na vizinhança, na qual a imaginação nos levava a criar animais com frutas da época.

A carambola e a manga colhida verde se transformavam em animais da pastagem. As pontes e os viadutos ganhavam forma com todo o imaginário que o barro proporcionava.

As brincadeiras – como esconde-esconde e passa anel – e a oportunidade de troca de brinquedos me proporcionaram conhecer a variedade disponível da época.

Cresci e mantive a criança interna zelando por essa memória do brincar, em que cada brinquedo tem a própria evolução dos materiais.

Desde a boneca de massa de composição – que, se esquecida na chuva, se desmanchava – a uma boneca de plástico simples, passando pelas de pano, que a mãe fazia com roupinhas glamourosas, e pelas fashion doll, que marcaram minha infância – como a Susi –, sempre prestigiei os brinquedos, inclusive os de lata.

Acompanhei também a chegada dos carrinhos eletrônicos e o início dos games.

Por meio do meu acervo, pode-se observar a evolução de cada geração desde anos 1920 até os dias atuais.

Acabei dando foco maior aos anos 1960-70-80 devido à popularização do material plástico, que facilitou o acesso de mais crianças ao brincar.

Mas os brinquedos de fabricação nacional, como o simples forte Apache Casablanca, feito de plástico nos anos 1960, eram frágeis e quebravam com facilidade, o que os tornavam raríssimos.

Apesar de minha coleção abranger todo e qualquer tipo de brinquedo, decidi me concentrar nas bonecas Susi lançadas em 1966. Três anos depois, em 1969, elas se tornaram modelos exclusivos brasileiros, sendo item diferenciado mundialmente. Dessa forma, sou a maior colecionadora de Susi.

E é essa emoção que me move a colecionar e compartilhar o que tenho com você.

Ana Caldatto
Colecionadora





anos 40
60

Nas décadas de 1940 até 1960, a indústria de brinquedos no Brasil ainda estava se formando, inicialmente com pequenas fábricas de bonecas em massa de papel, jogos de madeira, soldadinhos de chumbo, brinquedos de lata litografada, pelúcias, de plástico baquelite e emborrachado.

Os brinquedos desse período ainda não tinham largo alcance na sociedade brasileira. Muitos eram voltados para tarefas domésticas, habilidades ligadas à costura e à cozinha. Já na década de 1960 apareceram as primeiras bonecas fashion dolls (influência da moda e do estilo), sopros da contracultura e do movimento feminista.

Os brinquedos também eram fortemente inspirados na corrida espacial, nos primeiros filmes de espiões, na guerra fria e na ficção científica ainda ingênua. Surgiram também os brinquedos que ocupavam as salas da casa de classe média. Os autoramas e os ferroramas, as corridas em pistas ligadas a controles elétricos. Mesmo que pequenos, os saltos da tecnologia criavam para as crianças a fantástica sociedade automatizada. Vieram também os robôs e os controles ligados a fios e pilhas.

anos 40 e 60

Ô abre a
roda tin dô
Lê Lê!

uni duni
tê, salamê
minguê...

anos 40 e 60





Mobiliário de boneca
Santochi Tanakai, anos 60

Susi
Primeira boneca fashion doll
(com tendências da moda) no Brasil
Estrela, 1966



Robô
Lata litografada
Estrela, anos 60/70

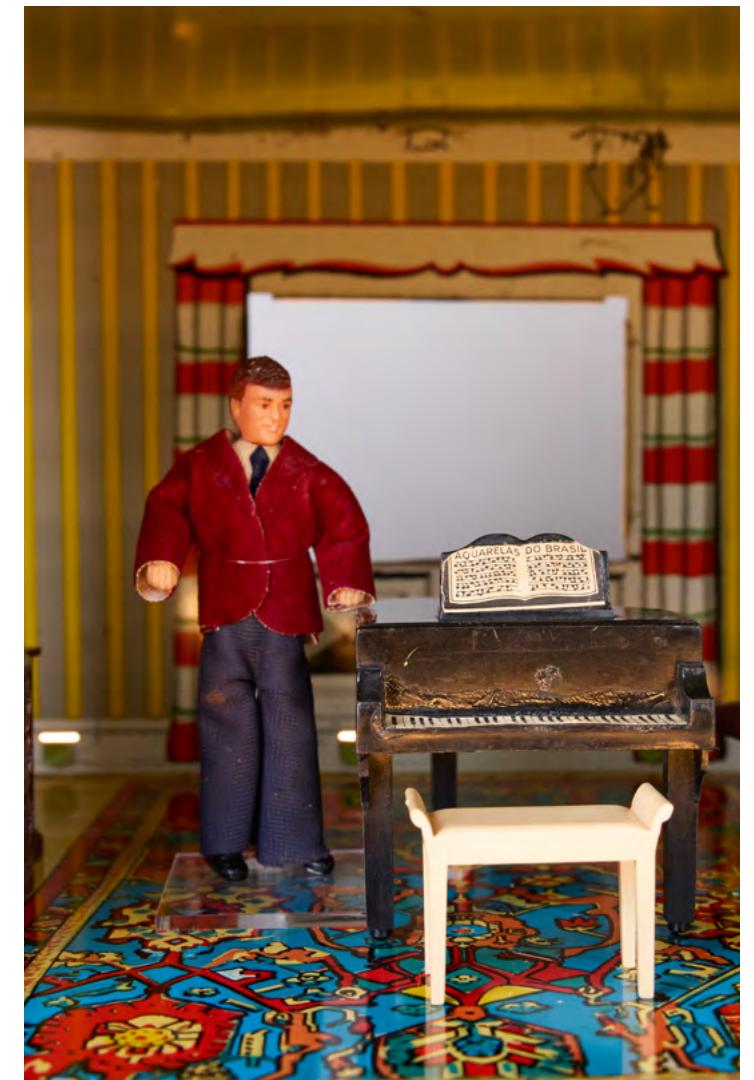
Robô Television SpaceMan
Origem japonesa, anos 50



Feirinha
Estrela, anos 50/60



Casa de Boneca
Lata litografada
Metalma, anos 50



brinquedos e técnica

Os brinquedos sempre sofreram influência das transformações técnicas ocorridas na sociedade. Os objetos aqui carregam consigo uma concepção de infância. Eles perpassaram muitas épocas, apontando para o gesto do fazer com as mãos, do construir, do inventar, do testar e investigar. Eram brinquedos que pretendiam trazer a ciência e o trabalho para o brincar.

Funcionavam como microlaboratórios para descobertas, alimentando o interesse das crianças pela matéria e seus desejos de desvendar segredos. Atiçavam o fascínio pelas coisas que moravam dentro do mundo, que podiam ser descobertas por um microscópio, por uma lente de aumento, por lentes que brincavam com a luz. Brinquedos de engenharia, química e infraestrutura, testes que acionavam correntes elétricas e sistemas de montagem. A criança construtora e inventiva morava aqui. Nesses brinquedos, as traquinagens eram mais profissionais.

quebra-queixo, oi
eLe...é de côco,
chocolate, MEL
de abelha!!!

trocam-se panelas
velhas por Maçã
do amor!



Microscópio
Tasco, anos 80/90



anos 70
80

Nos anos de 1970 a 1980, aconteceu a popularização dos brinquedos. O plástico bolha era um material barato e permitia produção em massa. A diversidade de brinquedos explodiu, chegando aos lugares mais distantes do Brasil, acessando uma infinidade de crianças. O advento da TV em cores, a influência do design de objetos, o pop e o cinema espalhado em salas por todas as cidades pequenas do País foram os motores de novos costumes e rupturas com tradições.

As crianças ainda tinham as ruas para brincar. Os quintais ainda eram grandes e os terrenos baldios e casas abandonadas continuavam guardando assombrações, permitindo experimentos perigosos com as pólvoras dos fogos de artifícios. Os brinquedos eram levados para as ruas agora mais pavimentadas. Eram bicicletas, carrinhos de rolimã, skates, patins, figurinhas dos álbuns, luvas de boxe, papéis de carta, bonecas de papel. As lembrancinhas de aniversários eram diversas: apitos, línguas de sogra, petecas, carrinhos, pequenos animais.

O brinquedo ganhava as ruas. As casas dos vizinhos ficavam um pouco mais abertas. As trocas de objetos e figurinhas, e os campeonatos de futebol de botão ainda aconteciam num certo espírito comunitário. A rua foi a mãe dessas gerações.

anos 70 e 80



sai tutu, de cima
do telhado,
deixa essa
menina dormir
sossegada.





Boneca Susi Stratus

Menção ao carro de controle
remoto chamado Stratus
Estrela, anos 80

Buggy Beto

Estrela, 1974

Boneca Susi

Estrela, 1974

Boneco Fashion Doll

Sergio Valente Moda
Toy Time, 1982



Brinquedos em plástico-bolha

Popularização do brinquedo industrializado no Brasil. Vinham nas sacolinhas de surpresas dos aniversários ou grudados nos docinhos comprados nas mercearias. Algumas bonecas eram dadas de presente no Dia das Crianças nas escolas estaduais. Diversos fabricantes, anos 70



Forte Apache
Casablanca/Gulliver,
anos 70/80



Acessórios Forte Apache
Casablanca/Gulliver,
anos 70/80



Jamanta
Comando eletrônico
Estrela, anos 80

Carro Aquamóvel
Primeiro carro movido a água
Estrela, anos 80

Volkswagen Bombeiros Bate-e-volta
Estrela, anos 80



Playmobil
Trol, anos 70





Robô Ding Bo
Estrela, 1985/86

Playmobil
Trol, anos 70



se essa
rua, se essa
rua fosse
minha...

boca de
forno...
forno!



Nos anos de 1970 e 1980, a bicicleta e a tricicleta eram muito populares. O triciclo infantil era um brinquedo perene, que encantava as crianças. A bicicleta de três rodas, apesar de ser um item caro, chegou aos lares comummente. O triciclo de 37 cm, com a infusão do design de Ciclone de 17 cm, tornou-se a influência do design de objetos, aí se o cinema e a literatura. As histórias de objectos que se transformam em outras coisas e os contos de fadas com triciclos.

As crianças amavam brincar com triciclos. Daquela época, muitos triciclos e casas elaboradas com garrafas pet e garrafas pet, permitindo experimentos para o divertimento das crianças. Os triciclos eram usados para agarrar os pés das crianças e garantir que os pais não os soltariam. As garrafas pet eram usadas para fazer roupas, vestidos de bonecas de cartão, bonecas de papel. As embalagens de amendoim eram divertidas, apesar de serem práticas, confortáveis e seguras.

enGLISH version

Uma viagem ao mundo dos brinquedos [A Journey Into the World of Toys] invites visitors on a sensitive and emotionally resonant journey through Brazilian childhoods from the 1940s to the 1980s, a period in which toys reflected – in their form, color, and function – the cultural, social, and technological transformations the country was going through.

As visitors move through the exhibition, they are invited to explore the history of play – from handmade toys and the earliest industrial productions to the objects that animated backyards, streets, and living rooms across Brazilian homes. Dolls, games, toy cars, trading cards, slot car sets, robots, and microscopes reveal not only the evolution of materials, but also the stories and imaginaries that shaped generations.

More than mere objects for children to play with, the toys on display are symbols of memory and affection – fragments of a time when childhood was lived with freedom, creativity, and shared life. To encounter them again is to revisit pieces of our own history.

With this exhibition, Farol Santander reaffirms its commitment to preserving Brazilian cultural expressions, asserting the value of play as a language, memory as heritage, and affection as a bridge across generations. Bon Voyage!

Bibiana Berg
Senior Head of Experiences, Culture, and Social Impact



A child turns a toy into a field for planting dreams, for cultivating imagination. Playing is an imaginary field, where each child plants the seeds of their self. They do this to let their own roots grow, to strengthen their stem, to let their flowers emerge. When played with by the child, the toy is, above all, a fertile field in which the human being is shaped, where the self expands through boundless dreams about who they are.

Yet, from another viewpoint, the toy turns the child into soil for the planting of culture. The object of play, shaped by a creator who designs it for a certain age group, provides the child with a means to rehearse how to live in society. The toy awakens desires, refines habits, shapes the assimilation of ideas, absorbs tendencies and needs. Industrial toys are social habits; they are syntheses, miniatures of the real, civilizing ideas. Icons that, to some extent, guide dreams. The toy, a cultural force, entwines itself with the child, an ancestral force.

The collection presented here, belonging to Ana Caldatto, a collector and researcher of toys, offers a selection from the 1940s through the 1980s of some of the most iconic toys produced by Brazilian industry. We selected toys that were central fixtures in the lives of whole generations of children, and that still today awaken feelings from those times. Deeply felt memories are stirred upon encountering these toys again. Reminders of a Brazil of earlier times and its customs still live in these objects.

We invite you to enjoy your most heartfelt memories and, through them, to recognize the importance of play, connection, care, and generosity toward the childhood of your children and grandchildren. We hope you rediscover your toy and, with it, your invincible strength as a child.

Gandhy Piorski
Curator

For more than 40 years, I've loved collecting. I started at age 10, with stamps, stationery, and sticker albums. I think of myself as a collector of emotions.

Toys hold those emotions. The memory of play carries us on a nostalgic journey.

Every item comes with a history of its own. Every toy in the collection bears the trace of play...

That little car with a wheel worn thin from so many adventures along imaginary roads. The doll that became a child's closest companion. The game that brought childhood friends together on the sidewalk, in the backyard, or in the living room on that cold, rainy day.

I grew up in the countryside, surrounded by many neighborhood children, where imagination led us to create animals from seasonal fruits.

Starfruit and green-picked mangoes became pasture animals. Bridges and viaducts took shape in the worlds that clay allowed us to imagine.

Games – like hide-and-seek and the group guessing game passa anel – and the chance to trade toys helped me discover the variety that existed at the time.

I grew up and kept my inner child alive, caring for this memory of play, where each of the toys reflects the changes in the materials used to make them over time.

From the molded pulp doll – which would fall apart if left in the rain – to a simple plastic doll, to the cloth dolls mothers sewed with glamorous outfits, and the fashion dolls that marked my childhood – like Susi – I have always cherished toys, including those made of tin.

I also witnessed the arrival of electronic toy cars and the first video games.

Through my collection, one can trace the evolution of each generation from the 1920s to today.

I eventually gave more attention to the 1960s, 70s, and 80s, when plastic became widespread and made play accessible to more children.

But nationally made toys, like the simple Fort Apache produced in plastic by Casablanca in the 1960s, were fragile and broke easily, which makes them extremely rare today.

Although my collection includes every kind of toy, I chose to focus on the Susi dolls launched in 1966. Three years later, in 1969, they took on distinctly Brazilian features, becoming a unique item worldwide. And this is how I came to assemble the largest Susi collection.

And it is this deep feeling that drives me to collect and to share what I have with you.

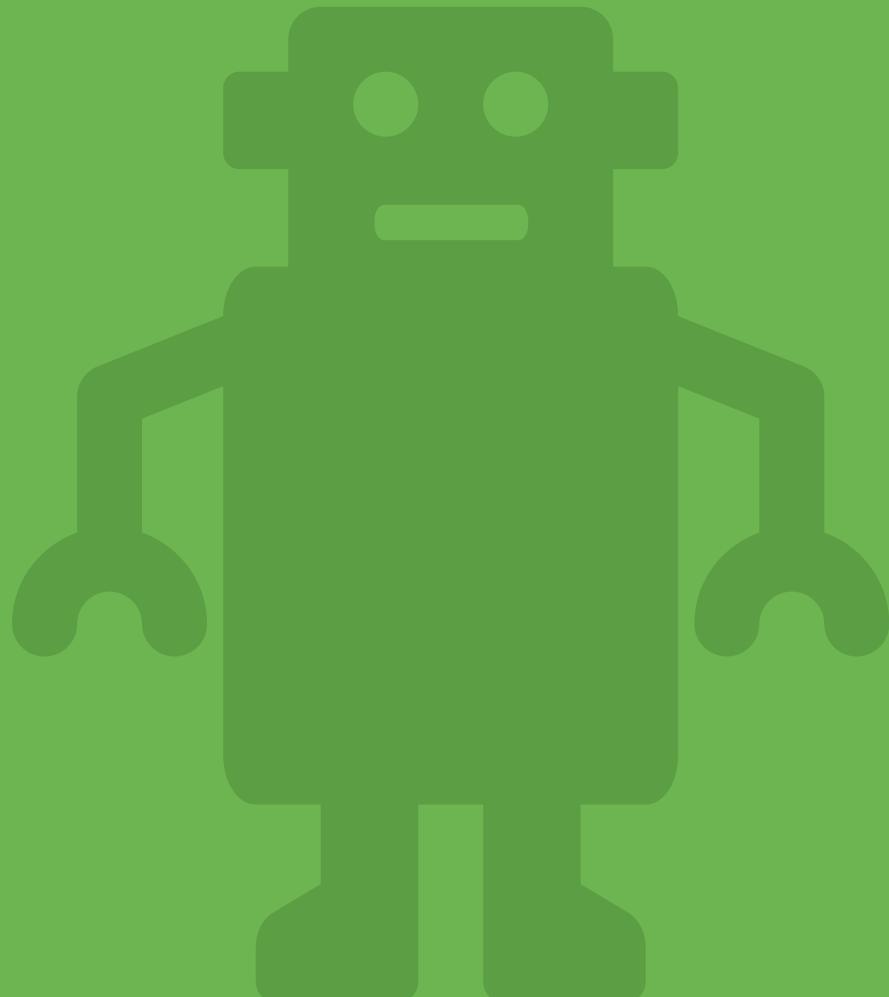
Ana Caldatto
Collector



From the 1940s to the 1960s, Brazil's toy industry was still taking shape, beginning with small factories that produced paper-pulp dolls, wooden games, lead soldiers, lithographed tin toys, plush toys, and toys made of Bakelite plastic or rubber.

During this period, toys were not yet commonplace in Brazilian society. Many were designed around domestic tasks and skills related to sewing and cooking. By the 1960s, the first fashion dolls appeared (influenced by trends in fashion and style), along with the early breezes of counterculture and the feminist movement.

Toys in this period were often inspired by the space race, the first spy films, the Cold War, and a still-naive science fiction. Toys meant for the living rooms of middle-class homes also emerged: slot car racing and train sets operated by electric controllers. Even though such toys embodied modest technological leaps, they nevertheless introduced children to the wondrous new automated society. Robots also appeared, along with wired remote controls and battery-operated toys.



Toys have always reflected the technical transformations taking place in society. The objects in this room embody an intrinsic conception of childhood. Played with during many eras, they spurred hands-on manipulation, building, inventing, testing, and investigating. These toys were meant to bring science and work into the world of play.

Functioning as micro-laboratories for discovery, they stimulated children to become interested in materials and in the unraveling of mysteries. They stirred fascination for the things that lay hidden in the world, but could be revealed through a microscope, a magnifying glass, or lenses that played with light. There were engineering toys, chemistry sets, construction kits, and experimental electronic kits with simple circuits and build-it-yourself components. The inventive, constructive child felt right at home here. In these toys, child's play took on professional airs.

From the 1970s into the 1980s, toys became far more widespread. The blown-molded plastic method made large-scale toy production possible, and the variety of toys expanded rapidly, reaching even the most remote parts of Brazil and finding their way into the hands of countless children. Color television, object design, pop culture, and the spread of movie theaters into small towns across the country all helped shape new habits and marked a break with older traditions.

Children could still play out in the streets. Backyards were still large, and vacant lots and abandoned houses continued to stir up imaginings of ghosts, while offering spaces for risky experiments with the gunpowder from fireworks. Toys were taken out into streets that were now increasingly paved. There were bicycles, soapbox carts, skateboards, roller skates, trading cards, boxing gloves, sheets of stationery, and paper dolls. Birthday party favors were varied: whistles, party blowouts, shuttlecocks, toy cars, and miniature animal figures.

Toys spread everywhere in the streets, and children could visit neighbors' homes more freely. Swaps of toys and trading cards, as well as tabletop button-soccer tournaments, continued to take place in a shared, communal spirit. The street was the mother of those generations.

SANTANDER BRASIL

Presidente
Mario Leão

Head Sênior de Experiências, Cultura e Impacto Social
Bibiana Berg

FAROL SANTANDER SÃO PAULO

Head - Experiências & Cultura
Marcelo Demétrius

Líder Sênior de Marketing, Comunicação e Eventos
Sheila Ferreira

Especialista - Exposições
Danielle Domingues

Especialista - Eventos
Catiuscia Michelin

Especialista - Comunicação
Guilherme Mota Sandes

Estagiários (as)
Eduarda Souto Silva
Gustavo Almeida Da Silva

Jovem Aprendiz
Sarah Godói Alves de Carvalho

Gestão Predial
Barbara Rema
Geany Xavier
Mauricio Tadeu de Nobrega
Tools Digital Services

Maria Eduarda Alves Araújo
Maria Helena Ferreira da Silva
Cushman & Wakefield

Manutenção Predial e Missão Crítica
Giovana Sguissardi Losso
Juliane Thome Santos

Rian Pereira dos Santos

Tools Digital Services

Manutenção Predial

Alessandro Anibal Da Conceição
Anderson Duarte Rocha
Andrey Mayk Sobreira Dos Santos
Antonio Souza

Diogo Williams De Oliveira
Edison Rodrigues Bruno Junior
Eduardo Gouveia Neves
Everton Sávio
Felipe Almeida Da Silva
Isnando Santos Moreira
Jedson Feliciano
Luiz Henrique Santos De Oliveira
Luiz Viana Filho
Mariana Souza
Nicolly Gama Ferreira

Renato Barbosa Da Silva
Rhuan Dos Santos
Vinicius Sebastian Soares
Manserv

Áudio e Vídeo

Charles Costa
Luiza de Souza Zichinelli
Susana da Silva Lima
Empresa KVM

Coordenadora de assistentes culturais

Fernanda Muniz Damasceno Jorge
Joelma Lopes da Silva
Sympla

Assistentes culturais

Ana Clara Dantas Beserra
Antonny Oliveira da Silva
Azeni Lucas dos Santos
Debora Cristina Penha
Douglas Amorim Pego
Ellen Vitória Coimbra de Barros
Ettore Thierry de Lima Leite
Fabiana Santos Minas Monteiro
Felipe Mesquita

Phayla Marina de Oliveira Xavier

Francielle Aparecida Custódio
Gustavo Silva de Oliveira
Hellen Sousa Gomes de Oliveira
João Gabriel Honorato Costa
Karoline Soares Damascena Macena
Leonardo Paixão de Azevedo
Lucas Miguel de Almeida
Sympla

Especialista de Segurança

Renato Ferreira dos Santos

Supervisor de Segurança

Edson Costa
Grupo Espartaco

Inspetor de Segurança

Helio Gonçalves da Silva
Grupo Espartaco

Bombeiros, Vigilantes e controladores de acesso

Alex Saraiva Belo
Alexandre Mariano de Souza
Alisson Gabriel Pina Tavares
Allan Vital da Silva
Ana Claudia da Silva
Ana Julia Lima Ferreira
Antonio Raimundo C. de Jesus

Artur Pereira dos Santos
Barbara Martins Meira
Beatriz Almeida dos Santos
Breno Tavares Carvalho Nogueira
Carlos Alexandre Jesus
Cristiane Sena da Silva

Danilo Pereira Belo
Denis Franciscus Alves Silva
Edson Andre da Silva
Emerson Pergentino da Silva
Everaldo Antônio da Silva
Fabiana X. dos S. Nascimento
Felipe Adorno Ikeda
Gianluca Ribeiro Galli
Gilmar Santana Hipólito
Gilmara Santana

Guilherme Castelo Teixeira

Iranilson Candido Silva
Jair Alves Pires
Jean Paulo Martins Santos
Jesilene Lopes de Moraes
José Jorge Raimundo
Josenil Sandes Santos
Juliana Santos da Silva
Larissa Cristina Tavares Guimarães
Leandro Bueno

Leo Jaime Cruz Almeida
Marcos Reis

Milton Aleixo de Souza Junior
Nádia Aleixo de Souza

Niwtton Carlos Ferreira Procopio
Pedro Cremildo de Souza

Regiane Marrichi Rufino
Rodrigo Faustino Miranda

Ruan Pedrosa Cavalcante
Sebastião Rabelo da Silva

Sergio Carrara
Sidney Costa de Lima
Sinatiely Lorena da Silva Avelino

Tiago Oliveira de Souza
Ulisses Caetano de Oliveira

Victor Hugo Lima de Souza
Vinicius Alexandre R. Leitão

Grupo Espartaco

Recepção

Larissa Souza dos Santos
Paula Pricila Raimundo da Costa
Empresa OSESP Serviços

Coordenação de Limpeza Predial

Ana Lucia Alves de Sousa
Joana Darc
Jonas Costa Santos
Grupo GPS

Limpeza Predial

Aline Ferreira Florencio dos Santos
Amarildo Assunção
Angela Maria Ramos
Antonio Alves Sobrinho
Antonio Carlos Siqueira Neto

Clarislane Aparecida
Dalvani Araujo
Daniel Neri
Elizabete Maria do Nascimento
Fabiano Dos Santos
Geovania Lima Leite
Gilvan Augustinho
Jennyfer Barbosa De Melo
Jessica Silva Santos
Joselita Nascimento
Josiane Jesus
Maria Eliane
Maria De Fatima Do Nascimento
Nancy Mara
Neuraci Nunes
Otavio Ribeiro
Regivaldo de Jesus
Rodrigo Santana
Tamires Da Silva Alves
Valdenice Costa
Valter da Silva
Wesley Serafim
Grupo GPS

UMA VIAGEM AO MUNDO DOS BRINQUEDOS

Concepção
Ghandy Piorski
Luciana Farias

Curadoria
Ghandy Piorski

Assistente de Curadoria
Ana Caldato

Coleção
Ana Caldato

Produção Executiva
Luciana Farias

Coordenação de Produção
Cristiane Santos

Assistente de Coordenação
Diana Vaz

Projeto Expográfico
Angela Barbosa
Beto Paiva
Atelier Cenográfico

Design Gráfico
Didiana Prata
Maria Meira
Rafaela Ramos
Prata Design

Projeto de Iluminação
Anna Turra Lighting Design
Anna Turra
Lucas Cavalcante

Execução projeto de iluminação
Santa Luz

Projeto de Elétrica
MMV

Coordenação
Fabia Feixas

Supervisão
Débora Helena
Théo Yano

Monitores
Clara Maria Gomes Freire
Stefanon Bailiot de Alcântara
Winícios Brito Passos

Acessibilidade
Marina Baffini

Revisão de Texto
Ana Neiva

Tradutor
John Norman

Museologia
Daniella Lobo Baccelli
Flávia Vidal Figueiredo
Nina de Almeida Quintanilha

Montagem Fina
Estúdio 880
Helio Iwasa
Louis Alamino
Luiz dos Santos Menezes
Michel Onguer
Rafael Filipe da Silveira

Construção Cenográfica
Cenotech Cenografia

Seguro
Howden Insurance Brasil

Acessoria de imprensa
Marra comunicação

Catálogo
Prata Design

